



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ANA CLARA CRUZ LOPES

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTATUTO DA IDENTIFICAÇÃO NA
CLÍNICA DAS PSICOSES**

**NITERÓI
2025**

ANA CLARA CRUZ LOPES

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTATUTO DA IDENTIFICAÇÃO NA
CLÍNICA DAS PSICOSES**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, com habilitação em formação de Psicólogo.
Orientador(a): **Prof^a Dr^a FLÁVIA LANA GARCIA DE OLIVEIRA**

**NITERÓI
2025**

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

L864c Lopes, Ana Clara Cruz
Considerações sobre o estatuto da identificação na
clínica das psicoses / Ana Clara Cruz Lopes. - 2025.
47 f.

Orientador: Flavia Lana Garcia De Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Niterói, 2025.

1. Identificação. 2. Psicose. 3. Psicanálise. 4. Saúde
Mental. 5. Produção intelectual. I. De Oliveira, Flavia Lana
Garcia, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD - XXX

TERMO DE APROVAÇÃO


ANA CLARA CRUZ LOPES

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTATUTO DA IDENTIFICAÇÃO NA CLÍNICA DAS PSICOSES


Trabalho de Conclusão aprovado pela Banca Examinadora do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense – UFF.

Niterói, 07 de julho de 2025


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **FLAVIA LANA GARCIA DE OLIVEIRA**
Data: 16/07/2025 08:16:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Flavia Lana Garcia de Oliveira (UFF) – Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **RICARDO DE SA**
Data: 11/07/2025 15:32:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ricardo de Sá (UFF)

Documento assinado digitalmente
 **MAYCON RODRIGO DA SILVEIRA TORRES**
Data: 09/07/2025 11:05:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr Maycon Rodrigo da Silveira Torres (UFF)

NITERÓI
2025

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, para a qual escrever é sempre mais difícil. Te devo não só o nascimento, como a vida. Hoje essas palavras são minhas só porque um dia você as disse por mim. Obrigada por fazer do seu colo o lugar para o qual posso sempre voltar e por me ensinar a, mais do que falar, ouvir. Você ressoará eternamente em mim.

Ao meu pai, pela integridade e por ser base que sustenta. Mesmo sem saber, você me mostra diariamente até onde posso ir. Todas as minhas conquistas têm, no fundo, o seu empurrão.

Ao meu irmão, que mesmo distante se faz fortaleza. Crescer com você é ter a certeza da partilha e do companheirismo. Te admiro por agarrar o seu desejo ferozmente a cada dia. Isso me faz ter coragem para seguir investindo no que sou e no que posso ser.

Ao meu namorado, pela admiração, carinho e parceria. A sua presença faz os dias serem mais instigantes e a vida mais feliz. Com você ao lado, eu acredito que posso o impossível. Obrigada por ser meu confidente, meu amigo e minha paixão. Sigo insistindo que as palavras nunca irão suportar o tamanho disso tudo, mas permaneço dizendo, pois não se pode deixar de falar: eu te amo.

Às minhas veteranas, Mariana e Amanda, por me mostrarem as possibilidades e me encorajarem nas escolhas. Agradeço o acolhimento, cuidado e carinho de sempre.

À Bia, companheira de turma e de vida. Nossas trocas, desabafos e risadas me fazem recuperar o fôlego para seguir apostando na escolha que fiz. Foram trabalhos, estágios, viagens, orientações e supervisões juntas. Torço para que os nossos caminhos permaneçam se cruzando. Obrigada pela amizade sincera.

Às amigas Ana Clara Aguiar, Ana Clara Salazar, Luisa e Helena, que me acompanham desde quando a psicologia ainda nem se mostrava em meu horizonte. A vocês, minha gratidão pelos anos de cumplicidade, pelas incontáveis histórias e por serem o ombro onde encontro repouso, consolo e alegria.

À Flávia Lana, que me acolheu em meu engatinhar na psicanálise e apostou no percurso que juntas poderíamos trilhar. A sua chegada e investimento transformou a minha formação. Agradeço as orientações e a transmissão rigorosa, as quais espero poder seguir compartilhando.

À Ricardo de Sá, por mostrar a beleza que existe na clínica. Suas supervisões limpam os meus ouvidos – ainda muito sujos – para escutarem o indizível. Agradeço o árduo e delicado trabalho.

À Janaina, minha analista, que me devolve a cada semana a possibilidade da palavra.

À minha preceptora Cristine Isensee e à equipe do Serviço de Intercorrência Masculina do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba. Espero um dia ser capaz de retribuir aquilo que me foi ensinado nesse estágio.

À Eduardo Müller e aos colegas do Instituto Municipal Philippe Pinel, pelas conversas matinais, trocas teóricas e por sustentarem as minhas inquietações.

Aos pacientes e usuários, por me mostrarem que no vínculo algo sempre emerge e se transforma.

“Bem sei que quando não se tem nada a dizer, aí é que se começa a falar”

Jean Oury

RESUMO

Este trabalho objetiva investigar o estatuto da identificação na clínica das psicoses. Surge através de indagações oriundas do estudo da metapsicologia freudiana e a partir das experiências de estágio no campo da saúde mental. Em suma, tem como base o questionamento: é possível falar sobre identificação na psicose? Partindo disso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório de textos psicanalíticos, buscando investigar, primeiramente, o estatuto da identificação na obra freudiana e a relevância desse processo no desenvolvimento psíquico. Adiante, analisou-se a incidência do fenômeno identificatório na neurose, para, em seguida, verificar como ele aparece na estrutura psicótica. A identificação constitui-se enquanto eixo repleto de ramificações e possíveis desdobramentos. Assim, longe de esgotar o tema neste trabalho à nível de graduação, esta monografia abre possibilidade para desdobramentos futuros. Por hora, conclui-se que, quando se trata da clínica da psicose, a falta da consideração pela diferença sexual produz efeitos significativos ao processo identificatório. A identificação enquanto processo simbólico implica a elaboração dessa falta. Sem a inscrição do Nome-do-Pai, o sujeito não ascende à simbolização, permanecendo no registro das imagens, isto é, da identificação especular. Tendo em vista que a forclusão do Nome-do-Pai tem como efeito a falha na simbolização, compreende-se que, na psicose, também o fenômeno da identificação não ascende ao seu valor simbólico, permanecendo remetida ao narcisismo, ou seja, cristalizada no campo da imagem.

Palavras-chave: Identificação; Psicose; Clínica.

ABSTRACT

This work aims to investigate the status of identification in the clinic of psychoses. It arises from questions stemming from the study of Freudian metapsychology and from internship experiences in the field of mental health. In short, it is based on the central question: *Is it possible to speak of identification in psychosis?* From this starting point, an exploratory bibliographic research of psychoanalytic texts was conducted, seeking first to investigate the status of identification in Freud's work and the relevance of this process in psychic development. Subsequently, the incidence of the identificatory phenomenon in neurosis was analyzed, in order to then examine how it appears within the psychotic structure. Identification constitutes an axis filled with ramifications and potential developments. Thus, far from exhausting the topic at the undergraduate level, this thesis opens up possibilities for future exploration. For now, it can be concluded that, in the case of the clinic of psychosis, the lack of consideration for sexual difference produces significant effects on the identificatory process. Identification, as a symbolic process, implies the elaboration of this absence. Without the inscription of the Name-of-the-Father, the subject does not enter into symbolization, remaining within the register of images—i.e., of specular identification. Given that the foreclosure of the Name-of-the-Father results in a failure of symbolization, it follows that in psychosis, the phenomenon of identification also fails to attain its symbolic value, remaining confined to narcissism—in other words, crystallized in the field of the image.

Keywords: Identification; Psychosis; Clinic.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	p.10
1 O PROCESSO IDENTIFICATÓRIO NA TEORIA PSICANALÍTICA	p.15
1.1 Breve levantamento bibliográfico sobre o conceito de identificação em psicanálise	p.15
1.2 O estatuto da identificação na metapsicologia freudiana	p.17
1.2.1 Identificação primária e o advento do Eu	p.17
1.2.2 Eu ideal e ideal do Eu	p.19
1.2.3 O traumático encontro com a diferença sexual	p.20
1.2.4 Identificação secundária e a formação do Supereu	p.21
1.2.5 Primeiras considerações	p.23
2 A INCIDÊNCIA DA IDENTIFICAÇÃO NAS ESTRUTURAS CLÍNICAS: NEUROSE E PSICOSE	p.25
2.1 O fenômeno identificatório na neurose e a entrada no campo das psicoses ..	p.25
2.1.1 O trabalho de luto e a melancolia	p.27
2.2 Os caminhos da identificação na psicose	p.29
2.2.1 A primeira identificação	p.30
3 OS EFEITOS DA NÃO INSCRIÇÃO AO PROCESSO IDENTIFICATÓRIO	p.33
3.1 O operador simbólico e o fracasso da metáfora paterna	p.33
3.2 Fragmentos de experiência na clínica das psicoses	p.34
3.3 A primazia do imaginário	p.36
3.3.1 As identificações nos casos freudianos: Schreber e Dora	p. 38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p.44

INTRODUÇÃO

Todo deslocamento no campo de um saber implica, primordialmente, o reconhecimento – muitas vezes difícil – das suas próprias carências (REY, 2008). Foi na “inocência” de meu começo em relação à psicanálise que se deu o primeiro despertar para o tema da identificação. As inquietações que advinham da incompreensão sobre esse tema suscitavam o desejo de saber mais, acarretando um deslocamento que hoje culmina na realização deste trabalho. Inicialmente, ainda enquanto participante do grupo de estudos coordenado pela Prof^a Dr^a Flavia Lana, buscava uma introdução à teoria clínica psicanalítica. No momento da minha entrada no grupo, estava sendo realizada a leitura e discussão dos textos contidos no *Compêndio de Psicanálise*, dentre eles *A natureza do psíquico* e *O mundo interior*, através dos quais se deu um breve e primeiro encontro com algo do processo identificatório. Ao discorrer acerca da constituição do aparelho psíquico nesse texto, Freud (1940[1938]/2018) aponta que a formação de uma instância específica – o *Super-eu* – resulta do longo período de infância e do prosseguimento da influência parental na constituição subjetiva. Contudo, ainda não compreendia muito bem como se dava esse prosseguimento e justamente isso me aguçava o interesse. Foi somente ao me debruçar sobre o texto freudiano *O Eu e o Isso* que fui compreendendo um pouco mais o papel da identificação no desenvolvimento psíquico e o que dela se fazia presente quando Freud pontuava que “os genitores foram a origem do *Super-eu*” (1940[1938]/2018, p.229). Destaco esse ponto acerca do desenvolvimento das instâncias psíquicas, visto que, ao relembrar o meu percurso, percebo que foi este tópico que provocou a curiosidade de saber mais sobre o que seria a identificação e como ela incidia nos processos de subjetivação.

Nesse momento, já me enquadrava como bolsista da Iniciação Científica (IC) financiada pela FAPERJ e integrada ao projeto de pesquisa *Os fundamentos conceituais da teoria psicanalítica e suas aplicações diante dos desafios contemporâneos*, também sob orientação da Prof^a Dr^a Flavia Lana. Na metodologia de trabalho da IC estava incluída a obra de 1923 e foi através das investigações realizadas nesse espaço que pude de fato me debruçar sobre a segunda tópica freudiana, na qual o *Super-eu* aparece enquanto a grande inovação dessa nova formulação acerca do aparelho psíquico. Acerca disso, Freud (ibidem) pontua que nos primórdios do desenvolvimento subjetivo, sobretudo na chamada fase oral, a diferenciação entre investimento objetal e identificação não opera. A criança ainda não apresenta inibições internas, obedecendo aos seus impulsos de modo a visar apenas o prazer. O Eu, ainda “fraco”, sente como necessidades os impulsos eróticos e dá-se conta dos investimentos objetais,

sujeitando-se ou desviando-se via recalque. Nesse processo, se determinado objeto sexual é abandonado, ocorre uma alteração do Eu, com a introjeção do objeto no Eu. Desse modo, o que se denomina *caráter* do Eu consiste em um precipitado de catexias objetais abandonadas, carregando a história dessas escolhas de objeto. Ou seja, há a substituição de um investimento objetual por uma identificação, a qual se encontra na origem da instância *Super-eu*.

Levando em consideração esse encontro inicial com a metapsicologia freudiana sobre a constituição do aparelho psíquico – que reverberaram na escrita deste trabalho –, cabe, também, mencionar a minha entrada no campo prático de estágio e como esta corroborou o recorte da atual temática. Optei por realizar o Estágio Específico Supervisionado proposto pela universidade com o professor Ricardo de Sá, o qual – desde as suas aulas na disciplina de Psicopatologia – abria os meus olhos e ouvidos para a clínica das psicoses. Destoando do que costumam esperar de uma disciplina sobre psicopatologia na graduação, suas aulas não correspondiam ao estudo minucioso do DSM e as patologias nele elencadas. Muito mais do que isso, eram uma transmissão rigorosa e viva do que é o encontro com a psicose. Partindo do que me foi transmitido nessas aulas, desejei, então, estagiar na Rede de Atenção Psicossocial de Niterói, e a escolha do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba (HPJ) como dispositivo no qual iria adentrar se deu a partir do interesse que eu tinha de atuar no contexto da crise, em contato direto com a chamada agudização. Logo, assim ocorreu o meu primeiro encontro concreto com a psicose: enquanto estagiária de psicologia no Serviço de Intercorrências Masculinas do HPJ. Posteriormente, realizei o concurso do Acadêmico Bolsista oferecido pela Secretaria Municipal do Rio de Janeiro e escolhi o Instituto Municipal Philippe Pinel como dispositivo de atuação, no qual acompanhava os pacientes internados na instituição. Também havia no Estágio Supervisionado a atuação no Serviço de Atenção Psicossocial (SPA) do campus universitário, o qual se caracterizou como espaço possibilitador de entrada na clínica das neuroses. Portanto, foi na prática que pude reconhecer aquilo de vivo que emergia dos meus questionamentos acerca do fenômeno identificatório, sobretudo no que se refere às maneiras pelas quais tal fenômeno poderia ocorrer tanto na neurose, quanto na psicose.

A identificação é considerada um dos fenômenos mais decisivos para quase todos os processos psíquicos, sendo a mais antiga forma de laço afetivo com o Outro. No que diz respeito à neurose, Freud aponta a identificação como processo fundamental da constituição psíquica e da entrada ao campo das trocas simbólicas. O Eu surge da identificação, ou seja, de uma nova ação psíquica que implica a apreensão de uma função simbólica da imagem: *narcisismo* (FREUD, 1914/2010). Também ao *complexo de Édipo* a identificação aparece como conceito decisivo, pois os efeitos desse complexo são determinados pela alternância entre aquele com o

qual a criança se identifica e aquele que ela toma como objeto pulsional (FREUD, 1924a/2011). Ainda, a projeção, introjeção, idealização e a sublimação são manifestações do processo identificatório que aparecem na teoria psicanalítica enquanto imprescindíveis ao desenvolvimento humano. Ari Roitman (1994) sintetiza rigorosamente o caráter estrutural da identificação no *corpus* teórico da psicanálise, ao pontuar que tal mecanismo não corresponde a uma operação psíquica dentre outras e sim a algo fundante e originário:

Em primeiro lugar, porque o desenlace do complexo de Édipo se dá em seus termos: o investimento libidinal dedicado às figuras parentais é abandonado em favor de identificações, o que situa o processo de *sexuação* em íntima conexão com estas. De outro lado, e já pensando a partir da segunda tópica, esse aspecto nodular se confirma com a consideração de que as instâncias derivadas do Isso se diferenciam – isto é, ganham existência – a partir das identificações de que provêm. E mais: não podemos deixar de lado o papel essencial atribuído por Freud às identificações na formação e no funcionamento dos grupamentos sociais, e sua determinação nos fenômenos de massa (ROITMAN, 1994, p.10).

Com todas essas questões que se referem ao campo da neurose, me indagava, então, como tal processo poderia acontecer no funcionamento psicótico, em que aquilo que predomina parecia não ser da ordem da entrada no campo das trocas simbólicas e sim a dimensão do imaginário. Nos casos que acompanhava nas instituições psiquiátricas, tinha dificuldade de enxergar a incidência do mecanismo identificatório em seu sentido humanizador, tal como Freud pontuava. Isto é, a incidência de um processo que possibilita ao sujeito passar do narcisismo a uma apreensão simbólica da imagem e, com isso, adentrar no mundo das trocas. Lembro, também, de estar em uma supervisão na qual discutíamos uma possível hipótese diagnóstica de melancolia e questionar se aquilo que ocorre nos quadros melancólicos poderia ser considerado identificação. Isso porque, nos quadros de melancolia e esquizofrenia sobre os quais escutava, o que me parecia era muito mais algo da ordem de uma certeza do que se é (ou do que não se é) do que algo da ordem de um mecanismo que possibilita as trocas simbólicas. Pensava, então, se haveria na psicose aquilo que Freud cunhou como identificação e, se sim, de que forma poderia se dar esse laço tão primordial – o qual possibilita a entrada do sujeito na civilização – se essa estrutura é marcada por um significativo rompimento com a simbolização?

À luz da trajetória mencionada, as páginas que se seguem tentarão perpassar os questionamentos e tensionamentos expostos nessa introdução. A finalidade deste trabalho é se distanciar das concepções, por vezes calcadas na psicologia, que banalizam o processo identificatório, na medida em que o vinculam, por exemplo, à ideia de pura imitação do outro. “O sujeito não surge da categoria do mesmo, da imitação, do eu: eis o que a realidade do inconsciente obriga a pensar, com todo rigor” (FLORENCE, 1994, p.118). Busca-se, portanto,

mostrar que este eixo constitui um nó central da teoria e da prática analíticas, sendo um campo de problemas plural e complexo. Para isso, o primeiro capítulo propõe uma investigação sobre o estatuto da identificação na metapsicologia freudiana. Ao mesmo tempo em que a identificação se configura como um fundamento para a teoria da clínica, não é um conceito muito valorizado no estudo das estruturas psíquicas. Portanto, partindo de uma revisão da bibliografia existente sobre o tema e, posteriormente, de um estudo rigoroso da obra freudiana, tem-se como objetivo, nesse início, debruçar-se sobre o que Freud denomina identificação primária – narcísica – e secundária – pós-edípica –, para, em seguida, analisar de que modos o processo identificatório se dá na neurose e na psicose. Isso será tarefa do segundo capítulo dessa monografia, o qual consistirá no aprofundamento do diagnóstico diferencial. Tendo em vista toda a metapsicologia do capítulo inicial, essa segunda parte terá como bússola investigar se é possível definir o que acontece na psicose a partir dos fenômenos neuróticos e daquilo que Freud cunhou enquanto conceito de identificação. Os caminhos da identificação nas estruturas clínicas são os mesmos? É necessária certa concessão no conceito freudiano de identificação para que se possa esclarecer o que ocorre na clínica das psicoses? Essas são algumas indagações que possibilitam a escrita do segundo capítulo e que nos guiam à entrada na terceira parte desta monografia.

Por fim, então, o último capítulo tentará trazer a questão da identificação na psicose, abordando a prevalência da imagem, ou seja, da dimensão imaginária, nesse registro estrutural. Vale enfatizar que esta foi uma parte difícil do trabalho, com muitas possibilidades e questionamentos, que já tocam em questões da clínica da contemporaneidade e, conseqüentemente, em produções psicanalíticas mais atuais. O tema da identificação, sobretudo quando relacionado ao estudo das estruturas clínicas, abre um vasto campo de indagações e, por conseguinte, possibilita novos estudos. O terceiro capítulo desta monografia não tem como finalidade apresentar alguma conclusão fechada sobre o tema. Pensar sobre as conseqüências da não inscrição da diferença implica um complexo campo de investigação, o qual toca não somente na incidência da identificação na psicose, como também faz desse conceito uma chave para pensar os fenômenos do contemporâneo. Levando isso em consideração, cabe enfatizar que esta monografia – enquanto trabalho que visa dar início a novas pesquisas – é sustentada em todo o seu percurso pelos fundamentos freudianos. Será utilizado o texto *Introdução ao narcisismo* (1914/2010), em que Freud aponta o Eu enquanto objeto de investimento, ao mesmo tempo em que traz as concepções de *eu ideal*, *ideal do eu* e nova ação psíquica. Também será estudado *O Eu e o Isso* (1923/2011), sobretudo o que diz respeito à formação do *Super-eu*. Ainda, o presente trabalho contará com *Totem e tabu* (1912-1913/2012) e *Psicologia das*

massas e análise do eu (1921/2011), através dos quais serão estudados o processo de identificação via incorporação e a criação de laços pela identificação. Enfim, *Luto e melancolia* (1917[1915]/2010) servirá como base para analisar a identificação com o objeto perdido em sua totalidade, assim como outras literaturas contemporâneas já existentes sobre o tema.

1 O PROCESSO IDENTIFICATÓRIO NA TEORIA PSICANALÍTICA

“O amor por si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros, o amor por objetos.” (FREUD, 1921, p.113)

1.1 Breve levantamento bibliográfico sobre o conceito de identificação em psicanálise

Quando há o anseio de avançar em uma investigação, é preciso levantar, em um primeiro momento, o que já existe acerca daquilo que se pretende examinar. Nesse sentido, a fim de desdobrar o tema da identificação e as suas implicações na constituição subjetiva, tornou-se relevante realizar um rastreamento de materiais bibliográficos. Contudo, não foram muitas as referências possíveis de serem encontradas, o que marca a entrada e o diálogo com um campo ainda a ser explorado. O fenômeno da identificação, sobretudo no que tange uma plausível diferenciação entre a sua incidência na neurose e na psicose, mostrou ser um tema de baixa frequência nas publicações clínicas. Nestas, o mais recorrente corresponde a pesquisas que discorrem sobre a conceituação da identificação, seja a partir da constituição do Eu em Freud enquanto instância identificatória, seja a partir da atribuição posterior de Lacan para a identificação como identificação ao significante, afirmação feita em *O Seminário, livro 9, “A Identificação”* (1961-62).

Quando a questão identificatória aparece, portanto, verifica-se um maior peso à releitura das obras freudianas em que a constituição da instância egóica é abordada. *Introdução ao narcisismo, O Eu e o Isso e Psicologia das massas e a Análise do Eu* são os textos comumente priorizados nesses trabalhos, os quais costumam girar em torno da discussão sobre a instituição do Eu a partir da experiência primária de satisfação. Tais pesquisas elucidam que, nessa identificação inaugural da experiência primária de satisfação, constata-se o desencontro entre o desamparo inicial e o objeto original que se perdeu. O Eu surge, então, na busca da satisfação através dos investimentos no mundo externo, constituindo uma identidade de memória, trilhamentos, traços e facilitações que se instauram e se inscrevem no aparelho psíquico (STENNER, 2004). Evidencia-se, também, nesses levantamentos bibliográficos, o Eu como objeto de investimento, através do conceito de *autoerotismo*. Aqui, a identificação aparece na medida em que a introdução do narcisismo acarreta o seu não surgimento desde logo e exige uma nova ação psíquica para se constituir. Ainda nesse recorte que trata a identificação como processo fundamental à constituição do sujeito, o surgimento do *eu ideal e ideal do eu* – que será assimilado à instância do Supereu – aparece com maior frequência. O Supereu é apontado

como a primeira identificação, conservando pela vida esse caráter, conferido em sua origem no complexo paterno (ibidem).

Outro viés através do qual o tema aparece com mais relevância diz respeito ao processo identificatório que Freud denominou como objeto perdido na melancolia. Barreto e Fontenele (2016) relacionam o desenvolvimento freudiano desse conceito às proposições lacanianas, para discorrer acerca da característica da afecção melancólica. As autoras pensam a melancolia, dentre as psicoses, como resultado de uma perda específica que se passa no registro do inconsciente, na zona das representações de Coisa (*das Ding*). Ao diferenciar o luto e a melancolia, realizam também uma breve distinção da identificação histórica e melancólica. Afirmam que a identificação neurótica é mais limitada e recebe do objeto um só traço, enquanto a melancólica corresponde a uma identificação à totalidade do objeto, a qual incorpora o objeto perdido (BARRETO; FONTENELE, 2016). Também Tânia Coelho dos Santos (2020) se debruça sobre o fenômeno da identificação, através do estudo de *Luto e melancolia*. Resgata o que Freud (1914/2010) diz a respeito de não haver uma experiência de si unificada desde o início e, com isso, esclarece a nova ação psíquica que produz como consequência uma representação de si mesmo como unidade. Desse modo, é realizada a distinção dessa primeira identificação, primária e narcísica, de uma secundária, derivada da incidência da diferença sexual (SANTOS, 2020).

Verificou-se, assim, a possibilidade de encontrar alguma referência que tocasse no tema da identificação. Entretanto, vale precisar a escassez dessas publicações quando se refere a uma diferenciação da incidência do processo identificatório na neurose e na psicose. Conforme apresentado, quando encontrados, esses materiais se referem majoritariamente à identificação enquanto processo imprescindível à constituição subjetiva – apontando para a formação da instância egóica – e em sua diferenciação na melancolia. Tendo isso em vista, o presente trabalho desenvolverá alguns dos pontos levantados nessas pesquisas clínicas, perpassando a conceituação freudiana da identificação e a relevância desse fenômeno para a constituição do psiquismo. Será investigada, sobretudo, a distinção entre a identificação pautada pela experiência narcísica e aquela que advém do traumático encontro com a diferença sexual. Nesse viés, também será destrinchado aquilo que Barreto e Fontenele (2016) levantam brevemente acerca da diferenciação de uma identificação que adota as características do objeto para que o Eu possa se fazer amado pelo Isso e outra que remonta à incorporação, em uma relação mais arcaica de *ser* o objeto. Buscar-se-á tecer relações entre os argumentos já apresentados em tais pesquisas, tendo como horizonte a tentativa de investigar a existência de uma diferenciação entre a identificação neurótica e psicótica e apontar as incidências desse processo na

constituição subjetiva. Para isso, faz-se imprescindível, de início, escavar na própria bibliografia freudiana elementos que confirmam suporte teórico à tese em questão.

1.2 O estatuto da identificação na metapsicologia freudiana

1.2.1 Identificação primária e o advento do Eu

A identificação é um processo fundamental à constituição psíquica e à entrada ao campo das trocas simbólicas. Ela possibilita o surgimento da instância egóica, visto que envolve uma nova ação psíquica que implica a apreensão de uma função simbólica da imagem: *narcisismo*. Em seu texto de 1914, Freud coloca em fluxo a hipótese necessária de que o Eu não existe à priori, sendo necessário ao seu desenvolvimento uma nova ação psíquica que se acrescente ao autoerotismo – estágio inicial da libido – e forme o narcisismo. Isso pois o autoerotismo enquanto marco inicial da constituição psíquica pressupõe uma multiplicidade pulsional quanto aos objetos de satisfação – as zonas erógenas –, o que caracteriza o estatuto perverso e polimorfo da sexualidade infantil (FREUD, 1905/2016). As chamadas pulsões sexuais e pulsões do Eu ainda se encontram ligadas nesse estágio, pois a pulsão, sendo parcial, se satisfaz de diversos modos no próprio corpo da criança, não estando dirigida para um objeto exterior. Na fase autoerótica, fonte e objeto da pulsão coincidem e o que reina é a ausência de uma imagem unificada do corpo. Não existe nem mesmo um “primeiro esboço de ego” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2008, p.47) e sim uma experiência de fragmentação.

A nova ação psíquica defendida por Freud em 1914 aparece, então, como a ação necessária para que se passe do autoerotismo ao narcisismo. Ou seja, para que se passe do estado anterior de fragmentação a uma primeira experiência de unificação, através da eleição de um objeto capaz de convergir as pulsões que antes eram parciais. Como pontua Mezan (2006), o novo ato psíquico envolve uma ruptura da continuidade entre a figura materna e a criança. Isso porque o autoerotismo é marcado pela continuidade primordial entre o seio materno e o bebê, uma vez que, não possuindo uma experiência de si enquanto totalidade, este acaba incluindo o seio como continuidade do seu próprio corpo. Logo, a ação psíquica do narcisismo surgiria com o empenho do outro que cuida e deseja em executar a separação, possibilitando, com isso, o início de uma distinção entre um eu e um outro. É com esse esforço de separação que a criança começa a ter noção da imagem de si, constituindo esse objeto único que caracterizará o novo investimento libidinal. Portanto, o desejo e a superestimação dos pais pelos filhos – manifestação do narcisismo daqueles – é o que viabiliza a passagem da posição de ser desejado

à condição de desejar (FREUD, 1914/2010). O investimento libidinal da figura materna dirigido à criança afirma a sua existência e a sua possibilidade de constituição como sujeito, originando o narcisismo primário, no qual o bebê sente o júbilo de sua perfeição narcísica.

Seguindo essa lógica, o narcisismo primário aparece, então, como operação que funda a noção de Eu. Por meio da superestimação parental, a criança sai do autoerotismo e passa a se ver como objeto amável, uma vez que o seu Eu real é também o seu Eu ideal (FREUD, 1914/2010). O narcisismo se configura como a primeira tomada de si enquanto unidade, sendo uma primeira defesa psíquica constitutiva contra a fragmentação autoerótica. Através da identificação com a imagem idealizada da criança amada, o narcisismo proporciona um apaziguamento da experiência de corpo despedaçado do autoerotismo. Caracteriza-se, nesse sentido, enquanto forma de investimento pulsional imprescindível à vida objetiva, sendo um dado estrutural do sujeito (STENNER, 2004). O narcisismo possibilita a formação da instância egóica e, ainda, a tomada do Eu como objeto de investimento. Porém, conforme mencionado anteriormente, é preciso que haja uma nova ação psíquica para que essa introdução do narcisismo opere. O Eu não existe desde o início e a sua formação também não resulta de uma diferenciação progressiva. A identificação primária é o processo que funda o estado no qual, a partir do investimento daquele que cuida, protege e se preocupa, a criança se identifica com a imagem idealizada que esse outro tem dela. Ou seja, no processo de separação, o infante passa a ter uma primeira noção de Eu, mas essa experiência é ainda distorcida, pois a imagem que ele tem de si e que funda a sua instância egóica é uma imagem ligada ao desejo materno.

Logo, a identificação primária institui um novo modo de satisfação a partir da experiência de si como unificado. A nova ação psíquica engendra a passagem do autoerotismo – marcado por um corpo fragmentado – ao narcisismo – relacionado à idealização da criança – , cujo resultado é o enamoramento da própria imagem, a qual passa a ser objeto de investimento libidinal. Tem-se, por conseguinte, a identificação primária como uma alienação necessária, já que permite uma antecipação do Eu em vias de advir e uma organização da libido fundamental à estruturação psíquica. A pulsão, que até então se encontrava ligada – não havendo diferenciação entre pulsão sexual e pulsão do Eu – passa a ter, com o advento do narcisismo, a instância egóica como um novo objeto de investimento libidinal. Constitui-se, assim, um objeto único que irá conferir a pulsão parcial e polimorfa do autoerotismo, colocando em curso uma nova organização da libido. Mas, é preciso levar em consideração que essa primeira identificação é uma alienação. Isso porque, tal como Santos esclarece, implica “um esquecimento de que o que você é como sendo, como sempre foi, é um corpo fragmentado” (SANTOS, 2020, p.4). É, portanto, uma promessa, tendo em vista que essa representação de si

coerente e organizada se configura, na verdade, como uma antecipação. A primeira identificação – narcísica – proporciona, então, um apaziguamento e um sentimento de completude, na medida em que possibilita a criança a experimentar “ser um”, através de uma imagem do corpo unificada que se constitui, realmente, como uma idealização.

1.2.2 Eu ideal e ideal do Eu

Ainda no texto de 1914, Freud levanta o seguinte questionamento: se o Eu se configura enquanto novo objeto de satisfação libidinal, fundando um estado de enamoramento de si, o que força a vida psíquica a ultrapassar as fronteiras do narcisismo primário e investir a libido nos objetos? Nesse momento da obra freudiana, as perturbações a que está exposto o narcisismo primário original da criança e as reações com que delas se defende são deixadas em suspenso – o que será exposto no subtópico seguinte. Permanece, contudo, a investigação sobre o que acontece com a libido do Eu quando o narcisismo infantil arrefece. Para responder essa pergunta, Freud afirma que o sujeito erige em si um ideal, através do qual passa a medir o seu Eu atual. No narcisismo primário, a criança sente o júbilo de sua perfeição, já que nesse tempo – devido à superestimação parental – o seu Eu real é também o seu Eu ideal. Incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada e se privar da perfeição narcísica de sua infância, o ser humano, não podendo mantê-la pelas admoestações durante seu desenvolvimento, tenta recuperá-la sob a forma de um ideal do Eu (FREUD, 1914/2010). Ou seja, não podendo mais ter a perfeição narcísica que o Eu real desfrutou na infância (Eu ideal), a criança, orientada por um ideal do Eu, procura readquirir a satisfação primária de já ter sido ela mesma o seu ideal.

Tem-se, portanto, que a constituição do Eu consiste em um afastamento do narcisismo primário, o que implica o deslocamento da libido em direção a um ideal do Eu imposto de fora (ibidem). Havendo o deslocamento da libido, a satisfação agora é provocada pela realização desse ideal. Assim, como consequência de tal afastamento, surge uma vigorosa tentativa de recuperação do estado de júbilo e onipotência, sendo o ideal do Eu uma projeção, na esfera do ideal, daquilo que o Eu não pode mais sustentar. Nesse sentido, o ideal do Eu será a instância responsável pelo gerenciamento do investimento objetal. Isso se dará na medida em que a constituição do ideal do Eu implica atingir, agora na dimensão de investimento objetal, aquilo que foi perdido na dimensão do investimento narcísico, na tentativa de recuperar tal satisfação. Com isso, pode-se afirmar que a postulação do narcisismo em Freud ocorre em vinculação com o seu próprio avesso, que é a ferida narcísica. Só se faz possível compreender a completude

experimentada no narcisismo através das respostas dadas frente aos limites dessa onipotência. Logo, a fim de alcançar o conceito de narcisismo e suas implicações no desenvolvimento psíquico, é preciso o exame das respostas dadas diante da chamada ferida narcísica.

1.2.3 O traumático encontro com a diferença sexual

O desenvolvimento da teoria da identificação se realiza na medida em que o complexo de Édipo ganha maior profundidade e relevância na teoria freudiana. Quando Freud escreve *Introdução ao narcisismo*, ainda não estava colocado que a primeira identificação narcísica, ou seja, aquela que vai proporcionar ao sujeito uma imagem de corpo unificada, viria a ser profundamente abalada com a descoberta da diferença sexual. O complexo de Édipo e de castração engendram um furo no narcisismo, deslizando o sujeito de um momento em que ele era pura satisfação para outro em que a falta é marcante. No que se refere ao desenvolvimento da função sexual, Freud (1940[1938]/2018) afirma a terceira fase como aquela em que a sexualidade da primeira infância atinge o seu apogeu, se aproximando da dissolução. A descoberta da zona genital na chamada fase fálica é sucedida por outra descoberta, rica de consequências: a descoberta da diferença sexual. Essa descoberta, por sua vez, faz um furo na imagem unificada de si, tendo em vista que o que se manifesta através dessa diferença sexual é um corpo fragmentado. Se o narcisismo primário proporcionava um apaziguamento e um sentimento de completude, a descoberta da diferença sexual fura essa imagem unificada (SANTOS, 2020). Como consequência disso, surge o desafio infantil de explicar essa diferença, o que ocorre através de uma teoria da castração.

Até então, a criança partia do pressuposto de que o pênis se achava presente em todo mundo. Contudo, com a chegada na fase fálica e a revelação da diferença anatômica entre os sexos, o menino e a menina passam a trilhar caminhos diferentes, colocando a atividade intelectual a serviço da investigação sexual (FREUD, 1940[1938]/2018). No que toca o desenvolvimento da menina, ao notar a diferença anatômica entre os sexos, ela reconhece o órgão masculino como superior ao seu próprio e passa a ter inveja do pênis. Ao se deparar com essa falta, a menina pensa ou ter perdido essa parte de seu corpo por ter sido má, ou julga não possuir o pênis porque a mãe não lhe deu. Já o menino, ao avistar a região genital da menina, reconhece em si algo que o outro não tem e, com isso, surge o medo de perder esse órgão privilegiado (FREUD, 1925/2011). Dessa forma, ao acreditarem na teoria da castração, as crianças atribuem essa punição a um agente poderoso. Se a figura materna é o primeiro objeto com o qual a criança se encontra indiferenciada autoeroticamente e, conseqüentemente, o objeto

do qual a criança se precisa se separar para que o Eu se constitua, a figura paterna será o agente da castração, responsável por furar essa relação simbiótica mãe-bebê. Já a partir do narcisismo, devido ao trabalho de identificação, essa separação se inicia, com a formação de um Eu em vias de advir, ainda idealizado (FREUD, 1914/2010). Porém, é com a descoberta da castração que o furo e a separação se colocam de modo ainda mais traumático. Isso porque o sexo anatômico não se mostra suficiente para a constituição psíquica; é necessária uma escolha em identificar-se com o pai ou com a mãe e tomar o outro como objeto de amor (FREUD, 1925/2011).

O caminho que costuma se seguir na menina é o abandono da mãe e o enamoramento do pai. Ao longo da equação simbólica pênis = criança, ela substitui o desejo de possuir um pênis pelo desejo de ter uma criança, tomando o pai por objeto amoroso (FREUD, 1925/2011). A mãe, por sua vez, se torna objeto de ciúme. Na medida em que o pai não embarca nessa fantasia, a menina acaba buscando em outros objetos a satisfação que antes esperava encontrar no substituto fálico que o pai viria oferecer. Já o menino desenvolve relações de hostilidade e rivalidade com o pai, tomando a mãe como objeto de amor. Diante do embate frente à possibilidade da perda, o menino renuncia à satisfação com a mãe, ensaiando sua saída do complexo edipiano através do complexo de castração. “Se a satisfação amorosa no terreno do complexo de Édipo deve custar o pênis, tem de haver um conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais” (FREUD, 1924a/2011, p. 208). Tal conflito é geralmente vencido pela primeira dessas forças, o que resulta no afastamento do Eu do complexo edipiano. Nesse processo, ocorre o abandono dos investimentos objetais, os quais são substituídos pela identificação. O encontro traumático com a diferença sexual, então, coloca em jogo as identificações sexuadas em curso no complexo de Édipo, as quais possibilitam a criança sair do complexo de castração. Por conseguinte, o complexo edipiano proporciona ao sujeito a oportunidade de uma nova identificação, que é uma identificação ao ideal do Eu do seu sexo (FREUD, 1923/2011). Há, com isso, um salto, visto que agora o sujeito não se encontra mais apenas no narcisismo. Enquanto no narcisismo a identificação se dá com uma imagem de completude, com o complexo de Édipo as identificações são sexuadas.

1.2.4 Identificação secundária e a constituição do Supereu

Sob a luz da segunda tópica, Freud avança em suas investigações a respeito do processo identificatório. Partindo da suposição de que existe uma gradação no Eu (FREUD, 1914/2010), retoma as primeiras fases do desenvolvimento infantil para analisar como um investimento

objetal é substituído por uma identificação. Conforme visto anteriormente, o desmoronamento do complexo de Édipo ocorre com o abandono do investimento objetal na mãe e um fortalecimento da identificação com o pai, no menino, enquanto a postura edípica na menina pode resultar em uma identificação com a mãe e na renúncia ao pai como objeto amoroso. No célebre texto de 1923, Freud irá mostrar que as tendências existentes no complexo de Édipo se agruparão, resultando, nos dois sexos, em uma identificação com o pai e uma identificação com a mãe. O peso dessas identificações, por sua vez, será determinado pela disposição bissexual constitutiva do indivíduo. Ocorre, portanto, que a dissolução do complexo de Édipo tem como desfecho “um precipitado no Eu, consistindo no estabelecimento dessas duas identificações, de algum modo ajustadas uma à outra” (FREUD, 1923/2011, p.42).

Como resultado desse processo, há uma alteração do Eu, a qual, em relação ao restante dessa instância psíquica, conserva a sua posição especial e é denominada Supereu. Nesse ponto, cabe realizar a diferenciação entre os conceitos de Supereu e ideal do Eu, os quais, por um período – como pode-se ver em *O Eu e o Id* –, foram utilizados como sinônimos. Sobre essa diferenciação, vale recorrer ao texto *A dissecação da personalidade psíquica*, que compõe as *Novas Conferências Introdutórias* de 1933. Nele, Freud atribuirá ao Supereu, entre uma de suas funções, ser veículo do ideal do Eu. Este – o ideal do Eu –, diferentemente do Eu ideal narcísico, é formado a partir de identificações secundárias. Ou seja, a partir de identificações oriundas do complexo de Édipo, em que o sujeito passa a sustentar uma forma de satisfação apoiada nos traços introjetados da dinâmica edípica. O pai – enquanto figura para quem a mãe dirige seu desejo – é tomado como ideal e âncora de sua identificação, sendo a identificação secundária, nesse sentido, uma identificação à figura paterna. Isso pois, no momento do declínio do complexo de Édipo, a criança se apoia na função do pai – que é uma função de ideal do Eu – como um “ponto de onde” ela se vê amável e digna de amor para se sustentar na existência de outras maneiras (LACADÉE, 2007). Enquanto aquele que supostamente detém o saber acerca do desejo materno, o pai se constitui como ideal que conduz o infante – pela identificação ao ideal – a se projetar na vida.

Sendo o ideal do Eu o precipitado da ideia de perfeição que a criança tinha dos pais, o Supereu, por sua vez, é constituído em função desse ideal (FREUD, 1933/2010). Sua instituição ocorre quando a criança abandona os pais como objetos sexuais, tornando-os objetos de identificação. Em outros termos, na impossibilidade de ter os pais como parceiros amorosos, “promete inconscientemente ser como eles – em suas ambições, fraquezas e ideais” (NASIO, 2007, p. 40-41).

Sua relação com o Eu não se esgota na advertência: “Assim (como o pai) você deve ser”; ela compreende também a proibição: “Assim (como o pai) você não pode ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele”. (FREUD, 1923/2011, p.42-43)

De fato, o Supereu não é simplesmente um resíduo das primeiras escolhas objetais, incluindo também uma formação reativa a este (FREUD, 1923/2011). Configura-se como instância crítica e julgadora, meio “pelo qual o Eu se mede, o qual busca igualar, e cuja demanda por uma perfeição cada vez maior ele se empenha em satisfazer” (FREUD, 1933/2010, p. 203). Da mesma maneira que a função paterna foi percebida como obstáculo à realização dos desejos edípicos, o Eu estabelece dentro de si o mesmo obstáculo, tomando emprestado ao pai a força para isso. A instauração do Supereu, nesse sentido, pode ser vista como um caso bem-sucedido de identificação à instância parental, caracterizando-se como resultado dessa ligação afetiva tão importante na infância (ibidem). Com isso, o caráter do pai é conservado, de modo que a severidade da dominação do Supereu sobre o Eu se faz proporcional à intensidade do complexo de Édipo e à rapidez de sua dissolução. O Supereu, então, herdeiro do complexo de Édipo, representa a relação estabelecida com os pais na infância, quando estes eram admirados e temidos. É por isso que cabe também ao Supereu as funções de auto-observação e consciência moral, já que, sendo veículo do ideal do Eu, a instância superegoica apresenta como missão representar o chamado “aspecto dito elevado da vida humana” (FREUD, 1933/2010, p.205).

1.2.5 Primeiras considerações

À vista do exposto, vale evidenciar o papel crucial do processo identificatório no desenvolvimento humano segundo à teoria freudiana. Em um primeiro momento, a identificação primária – que remete ao período pré-edípico – constitui-se como aquilo que possibilita o bebê deslizar do autoerotismo em direção ao narcisismo. Com isso, uma primeira noção de Eu é colocada em curso, mesmo que ainda idealizada e, portanto, alienada. O fenômeno da identificação, nesse período, possibilita sair de um estágio de pura fragmentação e adentrar em uma nova fase, na qual a criança experimenta o sentimento de um contorno corporal, a partir do investimento parental em um Eu em vias de advir. O narcisismo, enquanto essa alienação através do enamoramento da imagem de si, faz-se imprescindível, visto que possibilita uma nova organização da libido, essencial à estruturação psíquica. Contudo, apesar de imprescindível, é preciso que haja, no curso do desenvolvimento psíquico, alguma

experiência capaz de furar a bolha narcísica, a fim de que o sujeito possa sair desse estágio de pura satisfação e ultrapassar a fantasia de autossuficiência originada com o narcisismo.

A percepção da diferença anatômica entre os sexos dá início ao complexo de Édipo e de castração, cujas operações em fluxo possibilitam ganhos fundamentais. O registro psíquico da impossibilidade de uma satisfação desejada – diferentemente do período narcísico e seu registro de uma satisfação – coloca em jogo a experiência da escolha de objeto e das identificações. Estas, porém, não mais narcísicas e sim secundárias, tendo em vista que a identificação pós-edípica se constitui a partir de uma posição sexuada que orienta os campos do amor e do desejo. A identificação secundária é a experiência que marca o afastamento dos investimentos edípicos, através da consideração pela diferença sexual. Considerar a diferença sexual implica aceitar o incompleto, a falta, a alteridade.

Portanto, a decepção narcísica ligada à crise edípica implicará numa ruptura com o ideal, surgindo um lugar no plano do pensamento para duvidar, questionar, aceitar pensamentos diferentes. Aceitar o singular, o diferente, é dar lugar ao incompleto e à imperfeição, que evoca a dimensão da castração (SIQUIER, 1999, p.211).

Nessa lógica, ceder ao narcisismo implica um ganho de senso ético e moral. Ao mesmo tempo em que o fenômeno da identificação é, para a teoria psicanalítica, a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva com uma outra pessoa (FREUD, 1921/2011), constitui-se também como meio pelo qual o sujeito torna-se civilizado. A identificação corrobora a formação do Supereu, que, interiorizando a autoridade paterna, possibilita que a criança se constitua como sujeito. Através da interdição paterna, o infante pode se separar e, com isso, ser introduzido na ordem da cultura e da civilização. Assim, a identificação coloca em curso um ideal do Eu – o qual será perpetuado pelo Supereu – que se configura como um “ponto de onde” o sujeito consegue se reconhecer capaz de sustentar a sua existência de outras maneiras (LACADÉE, 2007), para além da dependência parental.

Por fim, vale relembrar o que Freud afirma ao discorrer sobre a constituição do Supereu. Na medida em que o Supereu da criança é formado a partir da incorporação da instância parental, pode-se dizer que ele se torna veículo da tradição, de todos os constantes valores que se propagam transgeracionalmente (FREUD, 1933/2010). A identificação, estando na base desses processos, é, portanto, o mecanismo por meio do qual o outro nos constitui. Isto é a transmissão: “algo que é do outro e que o sujeito faz seu, através de uma identificação que era inconsciente” (SANTOS, 2020).

2 A INCIDÊNCIA DA IDENTIFICAÇÃO NAS ESTRUTURAS CLÍNICAS: NEUROSE E PSICOSE

Elle est dans ma voix la criarde
C'est tout mon sang, ce poison noir.
Je suis sinistre miroir
Où la mégère se regarde.¹

(BAUDALEIRE, 1857)

2.1 O fenômeno identificatório na neurose e a entrada no campo das psicoses

Retomando o texto *Introdução ao narcisismo*, verifica-se que o conceito de identificação surge na obra freudiana quando o médico vienense se depara com as chamadas megalomaniacs. Foi através das investigações clínicas sobre esse fenômeno que Freud pôde se apropriar do conceito de narcisismo e pensar os fenômenos identificatórios. A relação até então formalizada entre o Eu e a pulsão de autoconservação não explicava as parafrenias – psicoses. É diante das questões que essa estrutura clínica apresenta que Freud é suscitado, então, a realizar uma extensão da teoria da libido:

Um motivo premente para nos ocuparmos com a ideia de um narcisismo primário e normal apareceu quando se fez a tentativa de incluir o que sabemos da *dementia praecox* (Kraepelin) ou esquizofrenia (Bleuler) sob a hipótese da teoria da libido. Esses doentes, que eu sugeri designar como parafrênicos, mostram duas características fundamentais: a megalomania e o abandono do interesse pelo mundo externo (pessoas e coisas) (FREUD, 1914/2010, p.15).

Assim como nas parafrenias, na neurose também há o afastamento face ao mundo externo, mas nesta não há a suspensão da relação erótica com pessoas e coisas, a qual se mantém através da fantasia. O parafrênico, por outro lado, parece de fato abandonar o interesse pelo mundo externo, retirando a sua libido das pessoas e coisas, sem substituí-las por outras na fantasia. “Quando isso vem a ocorrer, parece ser algo secundário, parte de uma tentativa de cura que pretende reconduzir a libido ao objeto” (FREUD, 1914/2010, p.16). Seguindo essa lógica, as manifestações psicóticas se tornariam ruidosas na medida em que a megalomania fracassa. Isto

¹ Estrofe de Baudelaire, a qual pode ser relacionada aos dois aspectos da identificação que serão esclarecidos neste capítulo. Os dois versos iniciais (“Ela é o estridente em minha voz/ É todo o meu sangue, esse negro veneno”) remetem à incorporação, enquanto os outros dois (“Eu sou o sinistro espelho/Onde a megera se contempla”) se vincula ao que será mencionado como identificação especular. Essa menção aos versos de Baudelaire, por sua vez, foi realizada por Octave Mannoni em *A desidentificação* 1994, p.174)

é, quando a retirada da libido do mundo externo e o seu represamento no Eu se torna patogênico e culmina no processo de cura cuja manifestação aparece como doença. Nessa perspectiva, os sintomas – delírios – constituiriam um esforço de escoar a libido para os objetos, ou seja, uma tentativa de investimento fora de si. Portanto, a diferenciação entre uma libido do Eu e uma libido objetal se mostrou imprescindível à teoria freudiana na medida em que, a partir disso, tornou-se possível pensar um modelo explicativo para as patologias, tanto da ordem da neurose, quanto da psicose. É por meio dessa distinção que Freud consegue examinar de que maneiras a psique tenta ultrapassar a clausura narcísica e colocar a libido em objetos.

Contudo, apesar do próprio conceito de identificação ter sua origem nos fenômenos megalomaniacos e no diagnóstico diferencial, à luz da pesquisa realizada até então acerca do estatuto da identificação na metapsicologia freudiana, os seguintes questionamentos se colocam: é possível falar dessa maneira acerca do processo identificatório na psicose sem que haja uma certa concessão? Ou seja, sem que se afaste do estatuto conceitual do que é chamado de identificação na obra freudiana? Para Freud, as questões identificatórias acabam em uma neurose quando, passado o complexo de Édipo, as identificações se tornam sexuadas. (SANTOS, 2020). Isso se explica, tendo em vista que, retomando o que foi mencionado anteriormente, a neurose se desencadeia quando o investimento libidinal sexual é retirado de um objeto no mundo externo e a libido reflui para uma fantasia inconsciente, retornando às ligações libidinais infantis (FREUD, 1914/2010). Por conta da persistente frustração com o mundo externo, o indivíduo se volta ao campo das fantasias, cria novas estruturas de desejo e revive traços de fantasias esquecidas (FREUD, 1912/2010). A libido se torna introvertida e regride às linhas infantis, fundando um conflito entre os esforços que lutam por objetivos que se coadunam às linhas infantis e aqueles que mantiveram sua relação com a realidade. O conflito apresenta sua solução, enfim, na formação dos sintomas neuróticos, caracterizando o desencadeamento da doença manifesta.

Entretanto, para que esse retorno às linhas infantis ocorra, é preciso que se tenha ultrapassado a clausura narcísica e experienciado o complexo de Édipo. Isso porque é somente se defrontando com a falta e com a incompletude decorrentes do encontro com a diferença sexual que se torna possível regredir a um estado em que se era protegido disso. Se na clínica das neuroses, então, é preciso que haja a elaboração da falta e da incompletude através da consideração pela diferença sexual, como pensar esse fenômeno na clínica com as psicoses? Ainda, verificou-se que o Eu surge de uma nova identificação, no momento em que a criança se reconhece em uma imagem e se apreende como uma função simbólica de tal imagem. Levando isso em consideração, de que formas, na psicose, poderia se dar esse laço tão

primordial que é a identificação – o qual possibilita a entrada do sujeito na cultura e na civilização – se essa estrutura é marcada por um significativo rompimento com a simbolização?

Antes de dar prosseguimento ao que se desdobrará a partir dessas indagações, cabe esclarecer que não há como intuito neste trabalho oferecer alguma espécie de conclusão para as perguntas colocadas. Tem-se como objetivo investigar a complexidade das *identificações*, tal qual Roitman pontua: “Não há, efetivamente, uma entidade – ou mecanismo, ou processo – unívoco que possa responder pelo conjunto do que chamamos de identificações” (ROITMAN, 1994, p.10). Sendo nó central da teoria e prática analíticas, o processo identificatório constitui-se enquanto eixo repleto de ramificações e possíveis desdobramentos. Longe de ser um conjunto de mecanismos inertes e precisamente demarcados na teoria analítica, as identificações apresentam nuances diferenciadas (*ibidem*). Assim, ao colocar em curso tais interrogações, busca-se evidenciar a complexidade intrínseca ao fenômeno e até mesmo instigar novas investigações. Por conseguinte, partindo de uma elaboração conceitual consistente, as linhas que se seguem se debruçarão sobre os desdobramentos que o presente tema suscita, na tentativa de elaborar as formas de incidência daquilo que Freud cunhou como identificação quando o que se encontra em jogo é a clínica da psicose.

2.1.1 O trabalho de luto e a melancolia

A partir desses questionamentos e do caminho trilhado até o momento, torna-se mais interessante, enfim, adentrar em *Luto e melancolia*. Foi imprescindível compreender, em um primeiro momento, como o Eu passa a se relacionar com objetos – diferente dele mesmo –, a partir da diferença sexual, para poder alcançar o que Freud propõe ao explicitar aquilo opera na melancolia. Estabelecendo uma relação entre o trabalho do luto e a melancolia, ele afirma que o primeiro consiste no processo de retirada da libido das conexões com o objeto perdido na realidade. Isso produz um afastamento temporário do Eu em relação ao mundo externo, em que ele fica inibido e ausente de interesse durante o trabalho do luto. Mas, após a consumação desse processo – que é cumprido aos poucos e com grande aplicação de tempo e energia de investimento – o Eu fica novamente livre e desimpedido (FREUD, (1917[1915]/2010). Na melancolia também ocorre a perda do objeto amoroso, porém essa perda é mais enigmática. Em muitos casos, o objeto não deixou de existir verdadeiramente, tendo sido perdido como objeto amoroso. Em outros, não é possível discernir exatamente o que se perdeu, mas faz-se necessário manter a hipótese de tal perda. Enquanto no luto nada é inconsciente na perda, na melancolia aquilo que se perdeu é de alguma forma subtraído da consciência (*ibidem*).

No que se refere ao trabalho de luto, ocorre que o Eu se afasta da realidade, tendo em vista que, diante da inexistência do objeto amado, o mundo se torna pobre e vazio. Ao se deparar com as autoacusações dos pacientes melancólicos, Freud percebe que, na melancolia, não é o mundo que se empobrece e sim o próprio Eu, indicando uma perda na própria instância egóica. A elucidação desse quadro clínico torna-se possível, na medida em que se percebe que as recriminações feitas pelos pacientes a si mesmos são, na realidade, recriminações a um objeto amoroso, que deste se voltaram ao próprio Eu. As críticas e autoacusações realizadas não se adequam muito ao próprio melancólico, estando dirigidas a uma outra pessoa que o doente ama, amou ou deveria amar (FREUD, 1917[1915]/2010). Tem-se, portanto, que, nos casos de melancolia, a libido, desligando-se do objeto perdido, não se desloca para um novo objeto e recua para o Eu. Nessa lógica, o que acontece é uma identificação do Eu com o objeto abandonado, caracterizando a célebre frase freudiana que afirma: “a sombra do objeto caiu sobre o Eu” (ibidem, p.181). Estando o Eu sob a sombra do objeto amado, poderá ser, a partir de então, julgado como tal, ou seja, como objeto.

À luz dos processos em jogo na melancolia, cabe esclarecer, portanto, que o mecanismo de identificação que funda esse quadro clínico remete à chamada identificação narcísica. Corresponde à regressão de um tipo de escolha de objeto ao narcisismo original (FREUD, 1917[1915]/2010), em que o Eu, nos primórdios do seu desenvolvimento, se identifica ao objeto através da sua incorporação. Essa primeira identificação acontece de forma canibalesca – incorporativa –, visto que envolve a *ingestão* de algo que se encontrava no outro, no mundo – e que é tomado e apropriado pelo próprio sujeito (FREUD, 1921/2011). A identificação, nesse sentido, “comporta-se como um derivado da primeira fase, a fase *oral* da organização da libido, na qual o indivíduo incorporou, comendo, o objeto desejado e estimado, e assim o aniquilou enquanto objeto” (ibidem, p.61) É dessa mesma forma – via incorporação – que na melancolia a perda do objeto se transforma em uma perda no próprio Eu. Na medida em que se identifica com o objeto perdido, o Eu não precisa abandonar a relação amorosa com o objeto, apesar do conflito com a pessoa amada. Há enfim, a diferenciação entre o trabalho de luto e a afecção melancólica. Tanto no luto, quanto na melancolia a reação à perda real do objeto se faz presente, sendo a regressão – com a escolha narcísica de objeto – aquilo que diferirá como ocorrerá essa reação nos dois processos. Na melancolia, graças ao retorno do investimento objetal à instância egóica, o Eu pode tratar a si mesmo como um objeto, dirigindo contra si a hostilidade que se refere a um objeto. “Na regressão da escolha de objeto narcísica o objeto foi eliminado, é verdade, mas demonstrou ser mais poderoso que o próprio Eu” (ibidem, p.185). Ao contrário do trabalho de luto normal, a melancolia mostra que, ao invés de o sujeito se identificar com

traços do objeto perdido – como sucede na neurose –, ele se torna o objeto em sua radicalidade (STENNER, 2004). Na melancolia, portanto, o Eu é subjugado pelo objeto.

2.2 Os caminhos da identificação na psicose

Levando em consideração toda essa explicação, a seguinte hipótese se coloca: na neurose, o Eu caracteriza-se enquanto lugar das identificações, no qual o sujeito se relaciona a partir da falta e busca a unidade um dia experienciada em uma relação que será sempre dissimétrica (STENNER, 2004). Tal relação será sempre dissimétrica, tendo em vista que, a partir do encontro com a castração, o que se coloca em fluxo é um ideal: ideal do Eu. Este, por sua vez, surge a partir do abandono dos pais como objetos sexuais e sua transformação em objetos de identificação.

O desenvolvimento do Eu consiste num distanciamento do narcisismo primário e gera um intenso esforço para reconquistá-lo. Tal distanciamento ocorre através do deslocamento da libido para um ideal do Eu importado de fora, e a satisfação, através do cumprimento desse ideal (FREUD, 1914/2010, p.48)

Assim, a relação com a falta e, conseqüentemente, com o ideal é o que abre a possibilidade ao sujeito de sair do campo narcísico e entrar na civilização. O que a psicose evidencia, por sua vez, parece ser um caminho diferente justamente nesse ponto. Isto é, na transformação do trauma com a diferença sexual em solução por meio da identificação secundária, ou seja, sexuada (SANTOS, 2020). Essa identificação, que ocorre no registro simbólico, se inaugura depois de uma decepção, que é matriz a partir da qual alguma coisa pode vir a se organizar. Porém, quando o que se coloca é algo da ordem da psicose, parece que se está por inteiro na primeira identificação (OURY, 1994).

Como visto anteriormente, a primeira identificação remete à incorporação, não constituindo uma escolha amorosa em que o Eu se identifica a traços do objeto e sim a introjeção desse objeto. Ao adentrar no campo da psicose, supõe-se que esta se situa nesse registro da primeira identificação. Mas, isso só se articula quando a lógica da segunda identificação é posta em jogo, visto que é nesse momento que algo tenta se inscrever e falha. Na neurose, o encontro traumático com a diferença sexual é aquilo que possibilita furar o narcisismo, fazendo com que, diante do complexo de castração, a criança se constitua a partir de uma posição sexuada que orienta os campos do amor e do desejo, o que ocorre por meio das identificações em curso no complexo de Édipo. Para alguns indivíduos, contudo, a diferença sexual é extremamente traumática e inassimilável, pois mostra que o outro não é completo e o decepciona. Diante de

tal desapontamento, funda-se um mecanismo que “substitui a ligação ao objeto pela regressão ao narcisismo primário, ao invés do recalque da exigência de satisfação incompatível com a realidade” (SANTOS; OLIVEIRA, 2022, p.15). O psicótico, diferente do neurótico, ao se defrontar com a explicação de que a diferença sexual é consequência da castração e que o responsável pela castração é o pai, rejeita essa explicação (SANTOS, 2020). Tal como Freud dizia em *A perda da realidade na neurose e na psicose*, “a neurose não nega a realidade, apenas não quer saber dela; a psicose nega e busca substituí-la” (FREUD, 1924b/2011, p.218). Logo, o psicótico não se serve de uma explicação para a diferença sexual, que é mítica e transmitida ao longo da história da espécie humana. Quando, na psicose, essa explicação é rejeitada, a libido, ao invés de se diferenciar em identificação com o outro do mesmo sexo e amor por aquele do sexo oposto – identificação sexuada –, permanece indiferenciada.

À vista disso, compreende-se que, no campo da psicose, a diferença sexual não tem inscrição e, conseqüentemente, simbolização. O psicótico realiza a identificação primária – narcísica – a qual possibilita a constituição de um Eu. Entretanto, no encontro com a falta e com a incompletude, rejeita aparelhar a diferença sexual com o complexo paterno, permanecendo identificado a este primeiro outro que ainda não é o outro sexuado (SANTOS, 2020).

Em *Neurose e psicose*, Freud (1924c) aponta que a psicose irrompe sempre de uma frustração e que o efeito patogênico desta dependerá de que o Eu, ao invés de se manter fiel a sua dependência do mundo externo, se deixa sobrepujar pelo Id e se separa da realidade. O que Freud chamava de Complexo Paterno consiste em um conjunto de ideias e de significações que pertence ao patrimônio da espécie humana e que permite organizar as significações e, a partir daí, compartilhar sentidos, sentimentos e ideias (SANTOS, 2020). Nessa lógica, ao rejeitar a castração e, com isso, se separar da realidade, o psicótico não compartilha de tal complexo, que é um mito, mas um mito civilizatório. Diante disso, na tentativa de compensar a realidade, ele cria uma outra, a partir do mundo interior, a qual não desperte a mesma objeção daquela abandonada (FREUD, 1924b/2011). Constitui-se, então, o delírio, cujo caráter reparador tenta remodelar a realidade devido à incapacidade do sujeito de enfrentar a necessidade real (ibidem).

2.2.1 A primeira identificação

À luz dessas considerações, o que parece se colocar é que a identificação neurótica se configura como uma identificação romanesca, tal como nomeia Jean Florence, em *As identificações* (1994). Isso porque, na neurose, não há sintoma que não seja acarretado por um *romance*, ou seja, “um conjunto de relações entre personagens, entre uma pluralidade de

personagens” (ibidem, p.118). Sendo romanesca, a identificação na neurose caracteriza-se enquanto um fenômeno – inconsciente – que modifica o Eu, na medida em que este sofre os efeitos do desejo sexual que tais personagens do romance neurótico representam. Em outras palavras, a identificação neurótica é uma identificação sexuada, uma vez que envolve ceder ao narcisismo e, a partir da trama edípica e os personagens que a compõe, constituir-se como sujeito. A identificação pós-edípica é a experiência que marca o afastamento dos investimentos edípicos, através da consideração pela diferença sexual, possibilitando ao sujeito advir a partir de uma posição sexuada que orienta os campos do amor e do desejo. É na escolha daquele com o qual irá se identificar e daquele ao qual irá amar que o sujeito passa se sustentar na existência de outras maneiras.

Quando nos encontramos com algo da ordem da psicose, supõe-se, conforme já mencionado, que o processo identificatório em questão remete à primeira identificação. Em *Totem e tabu* (1912-1913/2012), Freud esclarece que recalcar o incesto e o canibalismo é a condição para que um indivíduo adquira uma identidade – seja inscrito na rede das linhagens, por meio do nome – e seja inserido no sistema das trocas com os seus semelhantes. Desse modo, é a identificação com o totem – ter um nome – que garante a individualização e a socialização. Entretanto, herdar um totem implica a transmissão – inconsciente – da autoridade paterna, a qual, por sua vez, carrega consigo os tabus, responsáveis por reprimir os impulsos mais primitivos. É, portanto, na transmissão do totem e sua relação com os tabus a ele associados que o indivíduo se insere no coletivo, isto é, no sistema das trocas linguísticas, econômicas e sexuais. Ou seja, é preciso considerar a alteridade, a diferença geracional, a diferença sexual, abandonando os impulsos edípicos, para que se possa entrar na cultura. Essa identificação ao totem – que presume a instauração do complexo paterno – funda uma diferenciação no Eu, “um superposicionamento entre o Eu e o ideal do Eu” (FLORENCE, 1994, p.132), efeito do trabalho de luto do objeto amado que precisa ser renunciado na realidade, para que se possa advir.

Levando isso a termo, presume-se que, nos quadros psicóticos, essa identificação totêmica – identificação simbólica com o ideal – fracassa. A identificação narcísica, característica desses casos, ao invés de possibilitar um investimento de objeto diferente do Eu, transforma uma relação de ter – a qual implica a diferenciação – em uma relação de ser, em que o Eu é o objeto (ibidem).

Ter e ser na criança. A criança exprime espontaneamente o investimento de objeto por meio da identificação: eu sou o objeto. O ter é mais tardio, ele retorna ao ser após a perda do objeto. Modelo: o seio. O seio é um pedaço do eu, eu sou o seio. Mais tarde somente: eu o tenho, quer dizer, não sou ele (FREUD, apud FLORENCE, 1994, p.132)

Assim, na psicose ocorre a subjugação do Eu pelo objeto, em que o sujeito, ao invés de se identificar com traços do objeto perdido – como sucede na neurose –, se torna o objeto em sua radicalidade. Essa primeira identificação, mais originária, remete à identificação primária com o pai da pré-história do complexo de Édipo (FREUD, 1912-1913/2012), o qual, ao invés de ser tomado simbolicamente – portador da lei que interdita o incesto –, é incorporado em sua radicalidade. Seguindo essa perspectiva, no lugar de haver identificações pontuais que afetam o Eu parcialmente – como ocorre na neurose – a psicose manifesta os efeitos invasivos da identificação com um objeto investido narcisicamente. A introjeção do objeto no Eu acarreta uma grave cisão e um conflito dilacerante, na medida em que a regressão ao narcisismo, nesses casos, é originária: desmedida e sem limites (FLORENCE, 1994).

Essas pessoas, regredindo para um tipo de identificação mais primitiva, aquém da castração, permanecem em uma relação com o outro em que este não é um outro diferenciado conforme o sexo. O outro desse indivíduo que recua diante da decepção frente à diferença sexual é idêntico a ele, não havendo distinção entre Eu e outro (SANTOS, 2020).

A explicação para essa regressão da relação a um objeto à identificação, ainda de acordo com Freud (1917[1915]/2016), estaria na insuficiência da constituição do objeto como algo separado do eu. A sombra do objeto cai sobre o eu, porque este nunca chegou a se diferenciar efetivamente dele. (SANTOS; OLIVEIRA, 2022, p.15)

A simbolização da diferença sexual corresponde a impossibilidade de recompor o Um, o que possibilita dizer que nada é completo e que não existe satisfação absoluta. Porém, isso é inaceitável para alguns, pois implica dizer também que é impossível recompor a satisfação incestuosa, causando uma rachadura na clausura narcísica, onde tudo é belo e perfeito. Se o outro e o sujeito não se encontram mediados pela simbolização da falta e da incompletude – decorrente da consideração pela diferença sexual –, se o sujeito rejeita que nenhum outro é completo, ele permanece na busca incessante pela completude. Daí, a reconstrução de uma nova realidade, na tentativa de “remendar” o buraco deixado na ruptura com a realidade (FREUD, 1924b). Isto é, “uma compensação eterna à perda de uma suposta plenitude com o objeto” (SANTOS; OLIVEIRA, 2022).

3 OS EFEITOS DA NÃO INSCRIÇÃO DA DIFERENÇA AO PROCESSO IDENTIFICATÓRIO

“Tamanho é o pavor que se apodera do homem ao descobrir a imagem de seu poder que ele dela se desvia na ação mesma que lhe é própria, quando essa ação a mostra nua.” (LACAN, 1953, p.243)

Levando em consideração o que foi elaborado até então, há como intuito, neste capítulo final, abordar alguns dos efeitos da não inscrição da diferença – da castração; da função paterna – ao mecanismo da identificação. Iremos começar pelas discussões ligadas ao Complexo Paterno e a sua relevância ao processo de simbolização na constituição subjetiva. Será analisada a relação do Complexo Paterno com o fenômeno identificatório, a partir de uma breve entrada na teoria lacaniana, sobretudo no que diz respeito ao operador simbólico Nome-do-Pai. Tendo em vista esse panorama inicial, adentraremos em curtos fragmentos de casos que acompanhei durante as minhas experiências de estágio. Busco, com isso, transmitir de alguma maneira aquilo que me tocou quando presenciei, no campo da clínica, a complexidade que o tema das identificações suscita. Isso pois – como veremos adiante – ao me colocar junto dos pacientes durante as suas internações, escutando aquilo que eles me contavam, constantemente surgia a seguinte pergunta: é possível falar sobre identificação na psicose? Diferente do que eu acompanhava nos casos que atendia no SPA, a impressão que ficava para mim era a de que, enquanto na neurose a identificação aparece em seu caráter fundante e imprescindível à entrada no mundo das trocas, na psicose justamente isso era o que parecia fracassar. Foi a partir desses questionamentos que entrei no tema deste trabalho e é permanecendo neles que escrevo esta parte final.

3.1 O operador simbólico e o fracasso da metáfora paterna

Retomando o fio traçado no capítulo anterior, quando se trata da clínica da psicose, o que parece se colocar, então, é a rejeição da consideração pela diferença sexual e uma consequente regressão à identificação primária, em que o objeto não se constituiu como algo efetivamente separado do Eu. A diferença sexual, portanto, não tem inscrição, não é simbolizada, pois o que possibilita essa simbolização da diferença sexual é o Nome-do-Pai. Não há a pretensão, aqui, de realizar um aprofundamento na teoria lacaniana, sendo este inclusive o intuito de futuros estudos. Contudo, é relevante mencionar o que Lacan cunhou como Nome-

do-Pai, em sua aproximação com aquilo que Freud chamou de Complexo Paterno, tendo em vista que é este o operador que permite ascender o valor simbólico das identificações. O Nome-do-Pai enquanto significante que introduz a lei e a proibição do incesto, possibilita a articulação do desejo e a entrada do sujeito na cultura – na ordem simbólica (SANTOS, 2020). É o que interrompe o fusionamento entre a mãe e a criança, abrindo caminho para que esta se constitua enquanto sujeito do desejo – não mais do desejo materno – e entre no campo da civilização (ibidem).

Não é demais dizer – é preciso aí uma lei, uma cadeia, uma ordem simbólica, a intervenção da ordem da palavra, isto é, do pai. Não o pai natural, mas do que se chama o pai. A ordem que impede a colisão e o reventar da situação no conjunto está fundada na existência desse nome do pai (LACAN, 1955-1956/1988, p.114)

Logo, o Nome-do-Pai configura-se enquanto aquilo que permite o indivíduo sair do mecanismo voraz de confusão com o outro e, através da extração de um traço, advir enquanto sujeito. Entretanto, na psicose o que há é a forclusão do Nome-do-Pai. Como esclarecido nos capítulos anteriores, diante da explicação da diferença sexual como consequência da castração e de que esta é efetuada pelo pai, o psicótico recua, rejeitando tal explicação. “É na forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose” (LACAN, 1957-1958/1998, p.582). Cabe, então, nos questionarmos, por fim, acerca dos efeitos dessa rejeição da função e do complexo paterno, ou seja, da forclusão do Nome-do-Pai no mecanismo da identificação.

3.2 Fragmentos de experiência na clínica das psicoses

A fim de comentar sobre esses efeitos, vale recordar brevemente as experiências que tive em meus estágios ao longo da graduação. Na introdução desta monografia, conto que o meu primeiro encontro com a clínica da psicose se deu enquanto estagiária de psicologia no Serviço de Intercorrências Masculinas do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba (HPJ). Foi nesta prática que pude reconhecer o que de vivo emergia das minhas indagações acerca do fenômeno identificatório. Concomitante a esse estágio na Rede de Atenção Psicossocial de Niterói, realizei também o concurso Acadêmico Bolsista da Secretaria de Saúde do Rio de Janeiro e escolhi o Instituto Municipal Philippe Pinel (IMPP) como dispositivo no qual iria atuar. Neste estágio, por sua vez, tive a experiência de participar da equipe que constituía o Espaço de

Convivência, dispositivo localizado dentro do IMPP e que fica aberto aos pacientes dos setores tanto masculino, quanto feminino.

Foi, portanto, na convivência com os pacientes internados nesses hospitais psiquiátricos que pude apreender e me questionar constantemente – e concretamente – sobre o processo da identificação. No contexto da agudização, deparei-me frequentemente com sujeitos que, ao falarem sobre os seus delírios, apresentavam uma estrutura demasiadamente fechada acerca de quem eles eram na construção delirante. Lembro de um caso em que o paciente dizia estar sendo perseguido pela polícia e que, por isso, não poderia sair do seu leito. Tinha a convicção de que, uma vez cruzada a linha que separava o quarto do restante da enfermaria, a polícia descobriria onde ele se localizava e iriam matá-lo. Outro usuário afirmava curar as pessoas através da telepatia, contando, inclusive, ter curado o meu problema na bexiga (na época, de fato eu estava passando por repetidos quadros de cistite, mas não havia comentado isso com ninguém do estágio). Ainda, acompanhei um paciente que falava ser dono de todos os bancos do mundo. Quando gostava de alguma coisa – como um sapato que usei certo dia – dizia também que era ele quem havia fabricado, pois todas as fábricas eram suas.

Menciono esses fragmentos com o intuito de exemplificar as formas como o tema da identificação foi se apresentando enquanto vasto e complexo campo de estudo, sobretudo quando o que se colocava era o mecanismo da identificação na psicose. Diante desses casos, indagava – e permaneço indagando – se essa estrutura fechada sobre quem o sujeito é no delírio – seja o salvador, o perseguido ou o redentor – poderia ser considerado identificação. Isso porque o que aparecia em tais conversas não se configuravam enquanto hipóteses, modelos ou inspirações: eram certezas. O que fenomenologicamente capturava como algo da ordem de uma identidade, parecia sempre como um esforço de compensação que é ao mesmo tempo uma força, mas que aprisiona, é muito dura. Em outras palavras, aquilo que parecia conferir uma certa identidade a essas pessoas, um modo de se posicionar, – sendo o perseguido, o curador ou o dono de tudo – era também o que as aprisionava, tendo em vista que vinha como uma certeza.

Era, portanto, essa identificação pela via da certeza o que me remetia ao processo identificatório como uma espécie de denominador comum nesses casos. Ou seja, identificações que parecem falhas, pois ali onde o trabalho identificatório poderia operar estabilizando, isso não ocorria, parecendo haver, por outro lado, uma desestabilização. Esses sujeitos não colocam nenhuma dúvida sobre quem eles são e quem é o outro, mostrando a falta da inscrição de alguma diferença. Não há nada que venha de fora e que tenha a capacidade de intervir, fundando uma divisão e mostrando que existe algo para além dessa clausura em que reina a certeza absoluta. Assim, enquanto estudava sobre a identificação em seu caráter formador, no sentido de

possibilitar o sujeito se deparar com a falta e, a partir disso, se posicionar no campo do amor e do desejo, tinha, nos meus campos de atuação, a sensação de uma certa falha justamente nesse processo. Ao invés da inscrição de alguma diferença, via a tentativa de construção de realidades sem furos por esses sujeitos.

3.3 A primazia do imaginário

Levando em consideração o que foi trabalhado ao longo deste texto, pode-se concluir que isso é resultado de um esforço de compensação, em que o sujeito psicótico busca, na construção delirante, reconstruir a realidade perdida (FREUD, 1924b). Todavia, isso só ocorre pela via imaginária, isto é, quando não há simbolização. Em outras palavras, isso só ocorre por uma via muito ligada a uma certeza sobre si, que não leva em consideração nenhuma dúvida. O imaginário tem a ver com isso, com a boa imagem, excessivamente ligada ao narcisismo, à impossibilidade de perder, a uma certa rigidez, a qual não permite furos. É possível, então, falar sobre identificação quando não existe simbolização e o que se coloca é a primazia do imaginário? E mais, quais são os efeitos no mecanismo da identificação quando há a rejeição da função e do complexo paterno, ou seja, quando não há a inscrição do pai como símbolo explicativo da diferença sexual, portador da lei que interdita o incesto (SANTOS, 2020)? É uma identificação que escapa ao sentido estrito desse termo como processo simbólico? Seria a identificação o suporte psíquico através do qual elaboramos a diferença?

Tais questionamentos remontam novamente ao mecanismo primário de identificação, em que o que está em jogo é a precariedade da mediação simbólica. Nessa identificação – narcísica –, o sujeito se atém ao registro imaginário, ou seja, à relação dual especular com o outro. Por conseguinte, parece que para falar de identificação na psicose faz-se necessária uma certa concessão. A identificação enquanto processo que possibilita a entrada na cultura coloca em curso um ideal, a partir do qual o sujeito consegue se reconhecer capaz de sustentar a sua existência de outras maneiras (LACADÉE, 2007), visto que ele já não é esse ideal. Ou seja, é preciso que um operador simbólico se instaure, barrando a relação dual especular. Somente a descoberta da diferença sexual possibilita a introdução da dimensão da perda no Eu ideal, dando lugar à simbolização da castração (SANTOS; OLIVEIRA, 2022). Mas, como visto, na psicose não há um avanço para além do complexo de castração. O psicótico se identifica ao outro que ainda não é um outro sexuado e rejeita aparelhar a diferença sexual com o complexo paterno (SANTOS, 2020).

A avaliação realista da condição humana depende de uma representação psíquica da alteridade do objeto, que não é apenas um complemento para a satisfação pulsional. Para que essa representação se produza, é preciso inscrever a falta de completude pulsional por meio das consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos e da assimetria geracional (SANTOS; OLIVEIRA, 2022, p. 17)

Assim, incapaz de simbolizar a completude, seja nele mesmo, seja no objeto que o decepcionou, através da inscrição da diferença sexual, o psicótico é levado a produzir julgamentos que, por conseguinte, são incompatíveis com a realidade (ibidem). É nesse sentido que Santos e Oliveira (2022) abordam o conceito de *sobreidentificação* – ao retomarem os estudos atuais sobre psicoses não clássicas –, a fim de pensar esses quadros clínicos em que há a cristalização em uma identificação imaginária. A sobreidentificação foi depreendida pelos psiquiatras alemães Tellenbach e Kraus, nos anos 1950. Alfred Kraus caracteriza a sobreidentificação por dois traços maiores correlacionados, sendo eles a hipernomia e a intolerância à ambiguidade (MALEVAL, 2024), que culminam em uma dependência extrema a uma definição de si marcada pela certeza psicótica (SANTOS; OLIVEIRA, 2022). Trata-se de identificações maciças, engessadas e aderidas a valores autoritários (ibidem). Sobreidentificação, nessa lógica, já que, devido à precariedade no campo simbólico, não seria uma identificação tal como aquela humanizadora, capaz de inserir o sujeito no campo do desejo e da cultura. A noção de sobreidentificação abre caminhos para outras pesquisas, em outro nível de trabalho. Aqui, ele nos é caro, porque mostra que o conceito de identificação sofre adaptações – alargamentos – para caber na clínica das psicoses.

Jacques Schotte (1994) relembra, nesse sentido, que existe um momento decisivo na obra freudiana em relação à identificação. É o momento no qual Freud sente necessidade de recorrer a um conceito mais ampliado – a partir de sua interrogação sobre a psicose – em comparação ao que inicialmente afirmou enquanto identificação inspirado pelos quadros histéricos e, em seguida, os de melancolia. “Com a ideia de identificação primordial – da identificação com o pai simbólico, como dirá Lacan –, a identificação se abre para um espaço mais amplo, que permanece, para Freud, como insuficientemente pensado” (SCHOTTE, 1994, p.46). A partir do momento em que o processo identificatório se abre para o horizonte da clínica das psicoses, Freud não chega a construir articulações conceituais tão decisivas e abrangentes. Isso, por sua vez, remete ao que ele já apontava em 1915. Ao falar sobre o inacabamento dos conceitos, diz que “também os conceitos fundamentais fixados em definições experimentam uma constante alteração de conteúdo” (FREUD, 1915, p.53), sendo a rigidez das definições intolerável ao progresso do conhecimento. Tem-se, por conseguinte, a relevância de adentrar cada vez mais no campo das identificações – principalmente quando se trata da psicose –, a fim

de investigar a possibilidade de tal ampliação conceitual. Isso, contudo, sem renunciar às bases freudianas, posto que são elas que conferem sustentação a toda essa pesquisa.

3.3.1 As identificações nos casos freudianos: Schreber e Dora

A identificação, então, como processo simbólico implica um trabalho de digestão, de apropriação, de luto (FREUD, 1917[1915]/2010), o que não se dá nos quadros de psicose, nos quais, sem a inscrição do Nome-do-Pai, o sujeito não ascende à simbolização, permanecendo no registro das imagens, isto é, da identificação especular (LACAN, 1955-1956/1988). Se, na psicose, “a relação do sujeito com o mundo é uma relação em espelho” (LACAN, 1955-1956/1988, p.104), a realidade irá se compor essencialmente da relação com esse ser que é para ele o outro. Ou seja, por não poder fazer uma mediação simbólica entre o que é ele e o que é o outro, o sujeito entra em um outro modo de mediação, marcado pela proliferação imaginária (ibidem). Assim, constituem-se os fenômenos delirantes, em que aquilo que não é inscrito simbolicamente – a explicação do trauma sexual por meio do pai – retorna para o indivíduo como se fosse real, como se viesse de fora (SANTOS, 2020).

Em seu célebre caso do presidente Schreber, Freud (1912[1911]/2021) observou que, na medida em que este não simbolizava a castração – por intermédio do que Lacan irá esclarecer posteriormente como Nome-do-Pai –, aquilo que ficou abolido, não inscrito, retornava no real. Segundo Lacan (1955-1956/1988), há, nesse caso, uma significação que é rejeitada e cujo reaparecimento determina a invasão psicótica. “O presidente Schreber jamais integrou de forma alguma nenhuma espécie de forma feminina” (ibidem, p.102). Isto é, da função feminina em sua significação simbólica essencial.

Eis o que, absolutamente não num momento deficitário, mas ao contrário num momento culminante de sua existência, se revela para ele sob a forma de uma irrupção no real de alguma coisa que ele nunca conheceu, de um aparecimento de uma estranheza total, que vai progressivamente acarretar uma submersão radical de todas as suas categorias, até forçá-lo a um verdadeiro remanejamento de seu mundo (LACAN, 1955-1956/1988, p.103)

Dessa maneira, aquilo o que não foi simbolizado reaparece, para Schreber, no real. Além das alucinações e delírios de perseguição, nos quais seu corpo estava apodrecendo e sendo manipulado, com a retirada de seus órgãos, Schreber também acreditava estar se tornando a mulher de Deus. Tinha a convicção de que a sua transformação na mulher de Deus era imprescindível à salvação da humanidade, pois somente isso poderia devolver ao mundo a bem-aventurança perdida (FREUD, 1912[1911]). “O mais essencial em sua missão redentora é que

antes deveria acontecer sua transformação em mulher” (ibidem, p.547). Tem-se, portanto, que o compromisso simbolizante, tal como ocorre na neurose, é aqui absolutamente excluído. Há, por outro lado, uma reação em cadeia ao nível do imaginário. Na medida em que, como diz Lacan (1955-1956/1988), Schreber não integra de forma alguma nenhuma espécie de forma feminina, isso retorna, para ele, no real.

Diante disso, torna-se interessante refletir se essa aproximação, que o presidente Schreber faz com a mulher de Deus, poderia ser chamada de identificação. Isso porque a posição que coloca Schreber em um ponto mais megalomaniaco em seu delírio é ser a mulher de Deus. Ele se sentia demasiadamente perseguido e isso só se reduz quando passa a acreditar ser a mulher de Deus. Ou seja, quando Schreber constrói para si um corpo inteiro, sem furos, tal qual o corpo do narcisismo. A identificação, nesse caso, parece emergir na via da solução delirante, na qual a megalomania fixa uma identificação, não de tipo simbólico e sim imaginária. O que se encontra em curso é uma identificação com aquilo que não foi simbolizado e que, conseqüentemente, retorna no real, sem mediação. Talvez seja mais interessante, nessa perspectiva, dizer sobre uma possível *sobreidentificação*, tal como Santos e Oliveira (2022) apresentaram, no sentido de um inflacionamento no Eu que o cristaliza em uma identificação imaginária autodefinidora.

Ao lembrar os sintomas de Dora, outro caso relevante à obra freudiana (1901-1905/2016), percebe-se que os caminhos da identificação são outros, haja vista que existe ali o compromisso simbolizante da neurose.

Seu “catarro” marca a identificação com o sofrimento da mãe e traduz também a rivalidade culposa, a hostilidade (tomar seu lugar) e a punição (sofrer como ela). Sua “tosse nervosa” refere-se ao pai e significa a ligação edípica positiva (ser o objeto amado), embora ainda combatida pela autopunição (estar doente). Essas identificações são a apropriação (*Aneignung*) de qualidades, e até de sintomas, do objeto da rivalidade ou de amor (FLORENCE, 1994, p.135)

O processo identificatório em curso no caso Dora refere a uma regressão dos investimentos de objeto. Esse tipo de identificação, por sua vez, é limitado, na medida em que o sujeito recebe desse objeto apenas um traço (FLORENCE, 1994). É possível identificar, nos sintomas de Dora, como a identificação em questão remete às tramas edípicas, se referindo a uma identificação romanesca, conforme Florence (ibidem) indicava, em que o Eu sofre modificações, na medida em que este experimenta os efeitos do desejo sexual que os personagens do romance neurótico representam. Já em Schreber, não há uma identificação mediada pela simbolização. O que se coloca é uma identificação na via do delírio, visto que esta se estabelece em uma relação alienante – não dialetizável –, na qual Eu e outro não se diferenciam. Na falta de um mecanismo

que organize as pulsões na psicose (FREUD, 1914-1916/1996), há uma fixação no narcisismo, acarretando um distúrbio entre o Eu e o mundo externo. Isto é, sem a ação psíquica que possibilita ir além do narcisismo – sem a inscrição do Nome-do-Pai – não há o alcance da simbolização. Sem o alcance da simbolização, por sua vez, a organização libidinal na psicose, ao invés de adquirir um contorno, provoca uma perturbação na relação com o outro.

Isto posto, torna-se possível, então, constatar que a não inscrição da diferença sexual – através do operador que permite ascender o valor simbólico das coisas – causa efeitos significativos na estruturação subjetiva. Enquanto na neurose, por meio da escolha amorosa, o sujeito se identifica a traços do objeto e passa a se projetar na vida através de um ideal, parece que, nos quadros psicóticos, a identificação ocorre de forma fragilizada. Na precariedade da constituição do sujeito como algo separado do outro, há, conseqüentemente, um distúrbio na relação do Eu com o mundo externo. Tendo em vista que a forclusão do Nome-do-Pai tem como efeito a falha na simbolização, conclui-se que, na psicose, também o fenômeno da identificação não ascende ao seu valor simbólico, permanecendo remetida ao narcisismo, ou seja, cristalizada no campo da imagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme salientado desde o primórdio deste trabalho, o tema da identificação já implica em si mesmo uma vasta complexidade. Retomando o que Ari Roitman (1994) pontua, não existe uma entidade que possa responder como conjunto que represente as identificações, visto que estas, longe de corresponder a mecanismos inertes, apresentam diversas nuances. Como vimos nestas próprias páginas, o processo identificatório constitui-se mesmo enquanto eixo repleto de ramificações e possíveis desdobramentos. Portanto, longe de esgotar o tema neste trabalho à nível de graduação, buscou-se investigar as incidências da identificação na clínica das psicoses, também como prelúdio para futuros desdobramentos. Em um primeiro momento, passamos por um levantamento da bibliografia existente sobre o recorte escolhido. Porém, como esclarecido, são poucas as produções que tocam em uma possível diferenciação entre a incidência da identificação na neurose e na psicose. Diante disso, foi realizada uma revisão do estatuto da identificação na metapsicologia freudiana. Passamos pelos marcos temporais da constituição psíquica, a fim de esclarecer o que Freud nomeou como identificação primária e secundária e as possíveis consequências do encontro com a diferença sexual.

Na segunda parte, adentramos nas estruturas clínicas, analisando os caminhos que o mecanismo identificatório percorre na neurose e na psicose. Objetivou-se, com isso, refletir se é possível falar da mesma maneira acerca do processo identificatório na psicose e na neurose, isto é, seja, sem que se afaste do estatuto conceitual do que é chamado de identificação na obra freudiana. O capítulo, assim como todo este trabalho, não teve como fim apresentar alguma conclusão que desse conta dessas reflexões, tendo em vista a complexidade já comentada. Entretanto, foi possível estabelecer algumas distinções entre as identificações e os seus trilhamentos nessas duas estruturas. O traumático encontro com o sexual apresentou-se enquanto marco fundamental e foi a partir das consequências desse encontro que também chegamos ao terceiro capítulo. Nele, finalmente nos debruçamos sobre a incidência da identificação na psicose, entrelaçando as experiências e práticas clínicas à teoria até então apresentada. À luz de tudo o que foi aqui traçado, permaneço com os diversos questionamentos realizados ao longo deste texto. É possível falar dessa maneira acerca do processo identificatório na psicose sem que haja uma certa concessão? Seria a identificação o suporte psíquico através do qual elaboramos a diferença? Tem como falar sobre identificação na psicose?

Esta monografia não dá conta de circunscrever os desafios e limitações do conceito de identificação para a clínica das psicoses. Mas, até o momento, algumas considerações se fazem plausíveis. É possível sim falar acerca de identificação na psicose. Porém, não há como definir o que acontece nessa estrutura a partir dos fenômenos neuróticos. Isso, pois as estruturas envolvem diferentes modalidades de defesa frente à castração e, como vimos, isso acarreta efeitos significativos ao fenômeno identificatório para cada uma. Quando estamos situados no campo das neuroses, vimos que a identificação se configura enquanto processo psíquico através do qual o sujeito elabora a diferença e passa a se posicionar no mundo de outras maneiras, através de um ideal. Já quando nos referimos aos quadros psicóticos, compreende-se que algo desse mecanismo de simbolização fracassa, o que nos põe a pensar como é possível falar dessa fragilização da identificação, sem renunciar às bases freudianas desse conceito. Ao trazer a noção de sobreidentificação, por exemplo, mostrou-se que é necessário um certo alargamento do conceito de identificação para que se possa abranger a clínica das psicoses. Com isso, não se abre mão do estatuto identificatório para a obra freudiana, partindo dele para evidenciar como, na psicose, existe algo desse processo fundante que ocorre por caminhos distintos.

O percurso construído nesta monografia não foi fácil, sobretudo devido à escassez de referências acerca desse recorte sobre a identificação. Muito se diz sobre as incidências do fenômeno identificatório nos quadros neuróticos, mas pouquíssimo se encontra quando colocamos lado a lado as palavras “identificação” e “psicose”. Tal escassez, contudo, ao mesmo tempo em que tornou mais árdua a realização deste trabalho, incitou ainda mais o desejo em permanecer estudando, compartilhando e produzindo. No capítulo final, foi feita uma breve introdução à teoria lacaniana e ao que dela poderia agregar a essa escrita no presente momento. A perspectiva é dar seguimento a esta pesquisa, caminhando de fato para o que Lacan tem a contribuir ao tema. Nesse sentido, não há como deixar de mencionar o seu *Seminário 9*, cujo título “As identificações” já evidencia a centralidade que o processo identificatório possui em sua teoria. Penso ser um salto possível, a partir do caminho aqui percorrido, passar para as contribuições lacanianas ao tema da identificação. Claro que, como o próprio ensino de Lacan salienta, sempre tendo em vista um retorno rigoroso às bases freudianas.

Além disso, acredito que o conceito de identificação pode ser uma chave para pensar questões contemporâneas na teoria psicanalítica, como, por exemplo, as patologias narcísicas, os discursos identitários e as formações de grupo tão em voga na sociedade de consumo. Nesta, onde reina o imperativo da satisfação a todo custo, vemos cada vez mais casos nos quais a severidade de um Supereu arcaico que, sem ter sido humanizado por meio das identificações edípicas, não tolera menos do que tudo (SANTOS; OLIVEIRA, 2022). Daí, a explosão dos

quadros de compulsão e autopunição, em que ali onde a diferença sexual não opera – não havendo, por conseguinte, uma mediação simbólica da falta – o indivíduo é consumido pelas exigências pulsionais. Sem essa humanização, da qual a identificação apresenta papel fundamental, os imperativos permanecem vorazes e o sujeito, ao invés de subjetivar a diferença, identifica-se a um dejetivo, já que o outro não lhe proporciona tudo (ibidem). A partir disso, é interessante pensar também no que se refere à formação desse Supereu arcaico e a sua relação com o processo identificatório. Se, como vimos no início deste trabalho, a instauração do Supereu pode ser vista como um caso bem-sucedido de identificação à instância parental, o que ocorre nesses casos em que aquilo que se coloca é a severidade de um Supereu arcaico? E, ainda, refletir sobre a formação do Supereu na psicose. Há Supereu nessa estrutura? Como se dá o seu desenvolvimento?

Esses são alguns dos caminhos possíveis de serem desdobrados a partir do que foi elaborado ao longo destas linhas. Vale, aqui, o chamado para que novos trabalhos também sejam impulsionados, buscando avançar nessa discussão. De minha parte, ficam as lembranças das experiências, as repercussões do que foi construído, o anseio por novas investigações e o desejo de fazer dessa pesquisa um possibilitador de novos caminhos em minha formação.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARRETO, C. M. E.; FONTENELE, L. **Bases conceituais para o entendimento da identificação na melancolia**: da identificação ao objeto perdido à identificação à face do objeto *a*. Revista aSEPHallus, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, 2016. Disponível em: www.isepol.com/asephallus.

BAUDELAIRE, C. **O Heautontimoroumenos**. In: BAUDELAIRE, C. As flores do mal. Tradução de Ivan Junqueira. 2. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2006. p. 134–136.

FLORANCE, J. **As identificações**. In: MANNONI, M. As identificações na clínica e na teoria psicanalítica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 115 -166.

FREUD, S. (1901-1905). **Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”)**. In: Obras completas: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos, vol. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 173-320.

_____. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Obras completas: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos, vol. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 13-172.

_____. (1912-1913). **Totem e tabu**. In: Obras completas: Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos, vol. 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 13-244.

_____. (1912). **Tipos de adoecimento neurótico**. In: Obras completas: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v.10, p. 173-181.

_____. (1912[1911]). **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia descrito com base em dados autobiográficos (caso Schreber)**. In: Histórias clínicas: cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 539-630.

_____. (1914). **Introdução ao narcisismo**. In: Obras completas: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos, vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-50.

_____. (1914-1916). **Conferência XXVI: a teoria da libido e o narcisismo**. In: S, Freud. Edição Standart das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 16, p. 481-502.

_____. (1917[1915]). **Luto e melancolia**. In: Obras completas: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos, vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-194.

_____. (1921). **Psicologia das massas e Análise do Eu**. In: Obras completas: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos, vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-113.

_____. (1923). **O Eu e o Id**. In: Obras completas: O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos. vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-74.

_____. (1924a). **A dissolução do complexo de Édipo**. In: Obras completas: O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos. vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 203-213.

_____. (1924b). **A perda da realidade na neurose e na psicose**. In: Obras completas: O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos. vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 214-221.

_____. (1924c). **Neurose e psicose**. In: Obras completas: O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos. vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 214-221.

_____. (1925). **Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos**. In: Obras completas: O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos. vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-74.

_____. (1933). **Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica**. In: Obras completas: O mal-estar na civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos. vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 192-223.

_____. (1940[1938]). **Compêndio de psicanálise**. In: Obras completas: Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos, vol. 19. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 189-270.

LACADÉE, P. A passagem ao ato nos adolescentes. Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana. Rio de Janeiro, 2 (4), 85-92, 2007. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/traducao_02.htm.

LACAN, J. (1953). **Função e campo da fala e da linguagem**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 238-324.

_____. (1955-1956). **As psicoses**. In: O Seminário, livro 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. (1957-1958). **De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 537-748.

_____. (1961-1962). **A Identificação**. In: O Seminário, livro 9. Inédito.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MALEVAL, J.-C. **Introdução à psicose ordinária**. Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana. Rio de Janeiro, 19 (38), p.68-84, 2024. Disponível em: <http://www.isepol.com/asephallus/pdf/05-MALEVAL-TRAD-PTBR.pdf>

MANNONI, O. **Sobre a identificação**. In: MANNONI, M. As identificações na clínica e na teoria psicanalítica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 37-46.

MEZAN, R. **Freud: pensador da cultura**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2006.

NASIO, J. D. (2007). **Édipo: O complexo do qual nenhuma criança escapa**. Zahar. Rio de Janeiro.

OURY, J. **Sobre a identificação**. In: MANNONI, M. *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 37-46.

REY, P. **Uma temporada com Lacan: relato**. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2010.

ROITMAN, A. Prefácio à edição brasileira. In: MANNONI, M. **As identificações na clínica e na teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 9-12.

SANTOS, T. C. DOS. **Considerações sobre Luto e melancolia**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 18 ago. 2020. Notas de aula. Disponível em: [Considerações sobre o luto e a melancolia.pdf](#).

SANTOS, T. C. DOS.; OLIVEIRA, F. L. G. DE. **As patologias narcísicas e os estados depressivos na pós-modernidade**. Tempo Psicanalítico. Rio de Janeiro, v.54.1, p.6-30, 2022. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382022000100001

SCHOTTE, J. **Sobre a identificação**. In: MANNONI, M. *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p.37-46.

SIQUIER, M. L. (1999). **O desejo de saber: sobre as vicissitudes da pulsão epistemofílica na infância**. A criança e o saber, Ano XVI nº 23. Rio de Janeiro: Letra Freudiana.

STENNER, A. DA S. **A identificação e a constituição do sujeito**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 24, n. 2, p. 54–59, jun. 2004.